

O **ANO DA MISERICÓRDIA** não deve tornar-se uma dessas celebrações quase só nominais, a que já estamos habituados, e que deixam tudo na mesma (“ano da infância”, “da mulher”, “dos povos indígenas”...). **Deverá ser um ano muito mais sério, que nos torne um pouco mais humanos**, desenvolvendo em nós aquilo que todos temos de divino.



ano da misericórdia

A linguagem humana, essa extraordinária ferramenta, tem duas importantes limitações: é insuficiente, e nunca chega a alcançar a realidade a que se refere. Recordo como esta constatação se tornou obsessiva para o grande poeta J. M^a Valverde, nos seus últimos anos de vida. Além de mais, e talvez por isso mesmo, a linguagem corre um risco tremendo de se prostituir; e mais ainda, quanto mais elevada for a realidade que ela tenta designar: passámos quatro anos a chamar austeridade – nome de uma virtude – ao que não passa de despojamento – nome de um direito calcado aos pés.

Pois bem: **Deus é a palavra mais prostituída da linguagem humana.** E como ela, outras importantes palavras como amor ou liberdade. É também impressionante a forma como, nós cristãos, deixámos degradar a palavra caridade, hoje em dia quase insignificante, quando, na sua origem etimológica, caridade significa agir sem esperar recompensa...

Durante os próximos meses gostaria de reexaminar algumas destas grandes palavras. A começar pela **misericórdia, palavra decisiva no vocabulário do papa Francisco** e, portanto, no seu modo de encarar a realidade (já que todo e qualquer universo linguístico traduz um modo de ver e de ser). Eis a razão que o levou a declarar um “ano de misericórdia”, inaugurado no passado mês de Outubro. Mas é inegável que corremos o risco de o desvalorizarmos, reduzindo-o a uma flor de plástico ou, como já no século XVI escrevia Domingo Soto, uma “misericórdia desnata”.

Como ocorre com outros vocábulos da linguagem humana, a melhor forma de nos aproximarmos do verdadeiro significado das palavras é recorrer à sua origem etimológica, ou à sua evolução a partir dessa base. Neste caso, basta afirmar que misericórdia significa, simplesmente, **pôr o nosso coração (cor-cordis em latim) na miséria (ou melhor dizendo, talvez, no mísero ou miserável): miseri-cor.** Posto isto, é possível esclarecer alguns pontos.

1.- **Misericórdia não é o mesmo que permissividade** (com esta confusão se pretendeu degradar a proposta de misericórdia, em relação aos que fracassaram na sua primeira união matrimonial). A permissividade não passa de uma falsa forma de querer, que procura mais o afeto e gratuidade do outro, do que o seu bem e crescimento. O exercício da paternidade e da maternidade ensina-nos muito a este respeito. A importância da **misericórdia está no facto de ela aproximar o nosso coração da miséria do outro, mas sem a negar.** E isto por duas razões:

a- Porque o misericordioso sabe que **o outro vale mais do que a miséria que neste momento o amarra,** não o deixando revelar-se como ele é verdadeiramente. É fácil apercebermo-nos disto, quando se trata de misérias físicas; mas, quando estamos perante a miséria moral do outro, isso implica uma aposta da nossa parte: é por isso que a misericórdia implica sempre algum risco.

b.- Porque a **misericórdia tem em conta todos os atenuantes do outro**. Neste nosso mundo, histórica e socialmente pervertido, quase todo o pecador é, para além de tudo o mais, uma vítima; e o misericordioso conhece, suficientemente, a sua própria miséria, para compreender a do outro.

2.- Muito menos é **misericórdia essa pseudocompaixão que a pessoa oferece com uma certa autocomplacência**, a fim de se sentir superior, amigo de perdoar, melhor do que o outro. A misericórdia é, intrínseca e dinamicamente, igualitária. Por outro lado, reparemos quantas vezes as críticas que fazemos aos outros servem, apenas, para disfarçar a nossa pretensão de nos apresentarmos como superiores a eles. Em geral, quanto mais severa é a crítica, mais reveladora costuma ser desse orgulho que, inconscientemente, nos leva a sentirmo-nos superiores (exceto quando a dureza das palavras provém da indignação pela dor causada aos outros). A **carta de S. Paulo ao romanos** que é, em grande parte, uma proclamação da misericórdia, concretiza em dois pontos este igualitarismo a que acabo de aludir: “**todos são pecadores e necessitam da bondade de Deus**”. Mas também: todos foram abrangidos pela graça, e todos têm acesso a esta bondade.

3.- Finalmente, a **misericórdia é intrinsecamente dolorosa**. O nosso coração sofre quando nos acercamos da miséria física do outro. E ao debruçarmo-nos sobre a sua maldade moral, sofremos, igualmente, com o conflito em que o amor tenta triunfar sobre a indignação. O teólogo japonês K. Kitamori, na sua notável obra *Teologia da dor de Deus*, define essa dor de Deus como “o amor de Deus triunfando sobre a ira”. Nós não conseguimos vivenciar estes dois sentimentos ao mesmo tempo: amor e ira; é por isso que tanto nos custa ser, autenticamente, misericordiosos. Então, ou nos contentamos com um Deus é Amor, eliminando a sua ira e forjando um Deus “a la carte”, que não passa dum mera projecção dos nossos desejos infantis, ou optamos pela ira de Deus (que se torna bem evidente, quando lançamos um olhar sobre este mundo cruel e injusto) e congeminamos um deus do medo que desfigura, radicalmente, toda a religiosidade humana (e que continua bem vivo, hoje, em muitos que se apresentam como católicos).

O ano da misericórdia não deve tornar-se uma dessas celebrações quase só nominais, a que já estamos habituados, e que deixam tudo na mesma (“ano da infância”, “da mulher”, “dos povos indígenas”...). **Deverá ser um ano muito mais sério, que nos torne um pouco mais humanos**, desenvolvendo em nós aquilo que todos temos de divino. Poderíamos ilustrá-lo com estes simples versos que glosam, de forma jocosa, as palavras de Jesus:

“Querer a quem não te quer / É na verdade querer! / Pois querer a quem te apraz / Se chama corresponder / E isso qualquer um faz”.

José Ignacio González Faus. Teólogo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/miradas-cristianas.php/2015/12/15/ano-de-la-misericordia-1>

As coisas estão a bater-nos à porta! Escancare-as!

O ano fecha o ano e a conclusão é a de que foi um ano contra o homem. Dá para recordar porque não podemos esquecer o que nos fizeram e o que fizemos a nós anos próprios.

COM UM DESCARO INAUDITO, o dr. Passos Coelho veio dizer que dedicou o seu Governo a defender e a proteger os portugueses e Portugal. Dispenso. Agora, começam a tornar públicas as amarguras e os infortúnios que esta gentalha nos infligiu. Sabíamos que o projecto de destruição do Estado Social entusiasmava o dr. Passos; não conhecíamos, porém, os pormenores assustadores dessa manigância. Os cortes cegos na saúde mataram pessoas; na educação atiraram miúdos para a fome e os países para a miséria; o desemprego é um pavor só conhecido por quem passa por ele. Por aí fora. A malvadez voltou a chegar aos bancos: o Banif é outro caso de negligência determinada a exigir a intervenção imediata da polícia; diariamente surgem novos problemas, cuidadosamente dissimulados pelo Governo anterior. Recordo que a extraordinária Maria Luís Albuquerque declarou, enfática e despudorada, que o Executivo tinha os cofres cheios, enquanto o povo gemia na miséria mais desafortunada.

Os crimes monumentais de que o anterior Governo é culpado ultrapassam o rol de embustes e de mentiras programadas e organizadas. Depois, há o aumento da corrupção, que atinge os mais altos escalões sociais e, para rematar em fétida indignidade, surge o inevitável heraldo da direita, a bolçar que a grande figura do ano é Pedro Passos Coelho. O homem perdeu a compostura e desmoronou-a em escorrências. Em tempos, Marcelo Rebelo de Sousa proclamou que a direita portuguesa era a mais estúpida da Europa. Corrijo e digo: a mais indecente, a tomar como certo o que temos vindo a saber de Passos e dos seus. E a sublinhar por alguns preopinantes sem grandeza.

Mas o mundo é um caos. Os milhões de refugiados, que procuram sossego em paz numa Europa que os repele, com cercos de arame farpado e muros que os atiram fora como gafados, são a triste dissolução de uma Europa que nunca existiu em igualdade e em solidariedade. A Europa é uma construção económica da Alemanha, e o que não conseguiu com duas guerras está a obtê-lo pela imposição do poder, com o apoio e a cumplicidade passiva dos outros. Ai de quem a contrarie! O que aconteceu à Grécia e ao Syriza é significativo.

Portugal é outro caldo de experiências, e revela que o servilismo, a resignação e a subserviência não estão para durar. Uma nova geração ter-se-á levantado com

uma integridade quase desconhecida. E tem ajudado a sacudir a nefasta indolência dos partidos, acantonados nas suas verdades, nos seus interesses e nas suas perdas de identidade. O caso das quatro militantes do Bloco de Esquerda não é um epifenómeno nem um caso arrumado. Faz parte da incomodidade em que vivemos e na existência de um protesto indignado, jovem e solidário.

Uma vez escrevi, em época desalento, e para provar que nem tudo estava perdido, que a "esperança tem sempre razão"; demora tempo e, amiúde, é morosa demais. Mas vai bater-nos no batente. E as coisas já estão a acontecer. Força. Dilecto!, bom ano e repúdio dos aldrabões! Bom ano, e por favor, não desista!

Baptista Bastos. Jornalista.

In *NegóciosOnline*, de 30 dezembro 2015

resistir

O **HOMEM NÃO PODE MANTER-SE HUMANO A ESTA VELOCIDADE,** se viver como um autómato será aniquilado. A serenidade, uma certa lentidão, é tão inseparável da vida do homem como a sucessão das estações é inseparável das plantas, ou do nascimento das crianças. Estamos no caminho mas não a caminhar, estamos num veículo sobre o qual nos movemos incessantemente, como uma grande jangada ou como essas cidades satélites que dizem que haverá. E ninguém anda a passo de homem, por acaso algum de nós caminha devagar? Mas a vertigem não está só no exterior, assimilámo-la na nossa mente que não para de emitir imagens, como se também fizesse *zapping*; talvez a aceleração tenha chegado ao coração que já lateja num compasso de urgência para que tudo passe rapidamente e não permaneça. Este destino comum é a grande oportunidade, mas quem se atreve a saltar para fora? Já nem sequer sabemos rezar porque perdemos o silêncio e também o grito.

Na vertigem tudo é temível e desaparece o diálogo entre as pessoas. O que nos dizemos são mais números do que palavras, contém mais informação do que novidade. A perda do diálogo afoga o compromisso que nasce entre as pessoas e que pode fazer do próprio medo um dinamismo que o vença e que lhes outorgue uma maior liberdade. Mas o grave problema é que nesta civilização doente não há só exploração e miséria, mas também uma correlativa miséria espiritual. A grande maioria não quer a liberdade, teme-a. O medo é um sintoma do nosso tempo. A tal extremo que, se raspamos um pouco a superfície, poderemos verificar o pânico que está subjacente nas pessoas que vivem sob a exigência do trabalho nas grandes cidades. A exigência é tal que se vive automaticamente sem que um sim ou um não tenha precedido os atos.

Ernesto Sábato (1911 - 2011). Romancista, ensaísta e artista plástico argentino.
in *'Resistir'*

a autoridade de Jesus

Os relatos evangélicos são enfáticos ao acentuar a autoridade de Jesus no confronto com os mestres contemporâneos, particularmente as autoridades responsáveis pela religião da Palestina na época (saduceus, escribas e fariseus). "Ele ensinava como quem tem autoridade, e não como os doutores da Lei" – insistem os textos (Mc 1, 22). Desnecessário dizer que este conceito de autoridade nada tem a ver com autoritarismo, menos ainda com poder ou domínio. Como então explicar semelhante superioridade que o povo identificava no novo Mestre? Entre os fatores possíveis, coloquemos em cena três aspetos de fundamental relevância.

A coerência

Antes de qualquer coisa, vem a coerência entre o que o Mestre diz, ensina, e o que Ele faz. Bastaria um olhar sobre o comportamento de cada um de nós para constatar que, em todos os seres humanos, persiste sempre uma distância considerável entre o falar e o agir. Costumamos ser excessivamente pródigos quanto ao primeiro e mesquinhos quanto ao segundo. Semelhante distância, em casos extremos, pode alcançar um grau elevado de verdadeira dicotomia, rutura com a realidade, desencadeando um estado patológico de esquizofrenia. De maneira geral, porém, tal discrepância matém-se em níveis aceitáveis, variando, entre outros motivos, de acordo com a posição que a pessoa ocupa na estratificação social, com a função que nela desenvolve, com a própria personalidade e com uma série de circunstâncias conjunturais. Quem sabe o segredo da santidade não esteja justamente no empenho para diminuir ao máximo essa distância!

O facto é que em Jesus "o verbo se faz carne" (Jo 1, 14) não somente a partir de um ponto de vista teológico. Também em termos práticos, morais e concretos, no seu Ministério Público, a palavra se faz ação. O que Ele diz corresponde ao que faz, e vice-versa. Não seria exagero afirmar que semelhante correspondência entre o discurso e a ação transparece na sua serenidade profunda, quer nos momentos de convivência e alegria a serem partilhados, quer diante das adversidades e polémicas a serem enfrentadas, e mesmo diante da morte. Como Ele mesmo acena, a sua atitude é como a de uma criança que, ao contrário dos adultos experimentados na arte de dissimular, reproduz no olhar e no rosto o que lhe vai pelo coração e pela alma. Daí que a elas (as crianças) o Pai revela coisas que esconde aos "sábios e cultos" (Lc 10, 21) e, além disso, garante Jesus, "quem

não se converter e se tornar como criança, não entrará no Reino do Céus” (Mt 18, 2-5).

Quanta sabedoria, quanta paz e quanta força esconde essa coerência e autenticidade, em especial na sociedade contemporânea, destituída de referências sólidas, e onde a palavra dada, assinada e até mesmo registrada em cartório pode ser rompida a qualquer momento, sob qualquer pretexto e sem qualquer escrúpulo!

O sumo sacerdote

Pelas aldeias, povoados e caminhos da Galileia, no contacto vivo com os pequenos e doentes, pobres e excluídos, pecadores e marginalizados, Jesus reflete o rosto resplandecente do Deus oculto e silencioso; no deserto, retirado num lugar à parte, ou na montanha, nos seus momentos de oração, meditação e contemplação, leva impresso em si mesmo e oferece ao Pai os rostos desfigurados de tantos sofredores, tentando buscar-lhes o conforto do alto. Faz uma verdadeira ponte reveladora e intercessora entre a bondade misericordiosa de Deus, por um lado, e, por outro, a ânsia de alívio, saúde e liberdade diante da dor e do sofrimento humano. Nessa intermediação permanente, procurando entrelaçar o divino e o humano, reside justamente a missão real, profética e sacerdotal de todo o batizado, como lemos na liturgia deste sacramento.

No caso de Jesus – de acordo com a teologia do Quarto Evangelho, no prólogo (capítulo 1) e na oração sacerdotal (capítulo 17), de acordo com a elaborada argumentação da Carta aos Hebreus e de acordo com o hino da Carta de Paulo aos Filipenses (2, 6-11) –, Deus desce e faz-se homem para que o homem possa superar a sua condição humana de pecador, faz-se pobre para nos enriquecer, torna-se "servo-escravo-obediente" para nos libertar. O sumo sacerdote, fazendo da sua mensagem, da sua vida e da sua obra uma ponte entre o céu e a terra, promove um encontro inaudito entre o divino-humano e o humano-divino. Sendo a revelação do amor infinito de Deus, Jesus é igualmente a revelação do homem nas suas potencialidades mais elevadas e profundas. Esgotou em si mesmo todas as possibilidades ocultas no amor humano, tornando-se por isso mesmo "caminho, verdade e vida". Nele toda a pessoa se pode espelhar para endireitar o rumo dos seus passos.

Como estamos longe de um sacerdócio real que, pelo batismo, deveria fazer de cada um de nós, como também de cada família ou comunidade, não só um intercessor dos pobres e necessitados junto de Deus, mas também um mensageiro autêntico d’Este e da sua Palavra viva, a qual nutre e fortalece a fé, a esperança e a caridade!

O primado do amor

Da mesma forma que os escribas, saduceus e fariseus, Jesus vive, ensina e move-se ao abrigo da Torah, no contexto socioreligioso da Lei Mosaica. Diferentemente deles, porém, Jesus estabelece o primado do amor sobre o ritualismo e o legalismo, com destaque para os sacrifícios do Templo e as prescrições quotidianas. Como já haviam feito os profetas antes d'Ele, este novo profeta itinerante da Galileia denuncia o peso e o rigor que a Lei, quando levada ao extremo da intolerância, pode representar para o povo simples. Ao invés de uma orientação para o comportamento moral, torna-se um fardo insuportável que as autoridades religiosas impõem, embora "não estejam dispostas a movê-lo nem sequer com um dedo" (Mt 23, 1-7). O Mestre não pretende abolir a Lei e os Profetas, e sim "dar-lhes pleno cumprimento" (Mt 5, 17). Trata-se, no fundo, de resgatar o seu espírito originário que, após a saída da terra da escravidão no Egito, se fundamentava na liberdade e na dignidade da pessoa humana. É a partir deste quadro geral que se entende porque "o sábado foi feito para servir o homem e não o homem para servir o sábado" (Mc 2,27), bem como o duplo mandamento do amor a Deus sobre todas as coisas e do amor ao próximo como a si mesmo (Mc 12, 28-31).

Conforme o laborioso e monumental estudo de John P. Meier, Jesus retoma e reelabora duas passagens do Antigo Testamento para esta dupla dimensão do amor: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força" (Dt 6,4-5) e "amarás o próximo como a ti mesmo" (Lv 19, 18b). Ainda segundo o mesmo autor, a novidade em relação a outras formulações do mesmo binário é que Jesus: a) cita explicitamente, palavra por palavra, os dois textos; b) une-os, colocando um ao lado do outro; c) estabelece entre eles uma ordem numérica, como primeiro e segundo; e d) afirma que nenhum outro mandamento é maior do que estes. (in *Un Ebreo Marginale, ripensare il Gesù storico*, vol. 4, *sulla Legge e Amore*, Ed. Queriniana, Brescia, 2008, pag. 541ss). O amor figura não como substituto da lei, mas como a luz que a ilumina por inteiro, a partir do brilho que a misericórdia imprime sobre o olhar divino de Jesus.

Que diferente e acolhedora seria a Igreja se, em lugar do ritualismo e do liturgismo inócuos e estéreis, em lugar da preocupação em exteriorizar excessiva pompa e solenidade, em lugar do poder, da prepotência e da arrogância do saber, exercitasse a escuta, a humildade, a compaixão e o serviço que derivam do amor!

Roma, 1 de fevereiro de 2015

Pe. Alfredo J. Gonçalves. Assessor das Pastorais Sociais no Brasil.

Adital, 9 fevereiro 2015.